# 3

# Carreira X Maternidade: Vamos Falar Sobre o Assunto?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

## 3.1.
## Metodologia

Para o desenvolvimento deste estudo realizamos pesquisa de campo do tipo qualitativa. Entrevistamos cinco mulheres recrutadas através das redes sociais da internet, indicadas por contatos da pesquisadora. A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas tendo por base um roteiro oculto previamente elaborado (Anexo A). Os principais temas abordados se referem às questões que surgem com o nascimento de um filho: necessidade da presença da mãe nos cuidados com o bebê, dificuldades geradas pela necessidade de atender simultaneamente às demandas profissionais, estratégias utilizadas para dar conta da maternidade e da inserção profissional, as redes de apoio e a participação paterna nas relações familiares. As entrevistas foram presenciais, gravadas e realizadas em local estabelecido pelas participantes.

Utilizamos a metodologia de Análise do Conteúdo proposta por Bardin (2011). O método estabelece quatro fases de organização: a pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados e interpretação. Assim, após transcritas as falas das entrevistadas, foram extraídas categorias e organizadas conforme a temática que expressam. A última etapa do processo foi a interpretação das falas das entrevistadas, com base na literatura acerca do tema.

Observamos alguns cuidados éticos para que a realização deste estudo. Inicialmente, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética do Departamento de Psicologia da PUC-Rio e à Comissão de Ética da PUC-Rio. Após análise, obtivemos a aprovação para prosseguimento da investigação. Ao realizarmos as entrevistas entregamos duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e explicamos seu teor às participantes. Este termo compreende o objetivo, justificativa e relevância do desenvolvimento da pesquisa, além de explicitar o caráter voluntário da participação, sem custos ou qualquer remuneração para as entrevistadas. O referido termo abrange também a questão da interrupção da participação na pesquisa a qualquer momento, caso seja a vontade da entrevistada, e ainda afirma o compromisso com a manutenção do sigilo quanto às identidades das participantes.

A partir das falas ressaltam-se categorias descritivas da experiência das entrevistadas. Dentre os temas destacamos a identidade profissional, a gravidez, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

contato inicial e os sentimentos envolvidas na relação mãe-bebê, o retorno às atividades profissionais e os sentimentos experimentados nesta fase e também as redes de apoio e relação dos pais com os filhos.

## 3.2.
## As nossas mulheres

Para iniciarmos a análise do conteúdo resultante desta pesquisa consideramos importante especificarmos o perfil das participantes, conforme a tabela abaixo. Todos os nomes mencionados são fictícios para resguardarmos o sigilo das identidades das entrevistadas e de seus familiares.

| PERFIL DAS PARTICIPANTES | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| **Nome** | **Idade (anos)** | **Profissão** | **Nome idade do filho(a)** | **Escolaridade** | **Tempo de Casamento** |
| Aline | 32 | Enfermeira | Bruno 2 anos e 8 meses | Pós-Graduação | 5 anos |
| Daniela | 30 | Fisioterapeuta | Carolina 6 meses | Pós-Graduação | 3 anos e 6 meses |
| Elaine | 37 | Professora e Designer | Gabriela 1 ano e 11 meses | Doutorado (em curso) | 5 anos |
| Julia | 34 | Publicitária | Isabela 1 ano e 10 meses | Graduação | 6 anos |
| Laura | 39 | Analista de Sistemas | Mariana 2 anos e 6 meses | Mestrado | 5 anos |

Tabela 3 – Perfil das Participantes

O grupo de participantes do estudo é composto por 5 mulheres, na faixa etária entre 30 e 39 anos, mães de um único filho de até três anos e casadas com os pais das crianças. As participantes cursaram o ensino superior, atuam no mercado de trabalho, moram em bairros da Zona Norte e Oeste do Rio de Janeiro e são representantes da classe média.

Quatro dentre as participantes atuam em atividades ligadas às ciências humanas e sociais enquanto apenas uma trabalha no campo das ciências exatas. Além disso, três entrevistadas exercem funções relacionadas ao cuidado e formação do indivíduo – enfermeira, fisioterapeuta e professora – dado que remete ao conceito de guetos femininos proposto por Bruschini (op.cit.). O número de participantes foi definido ao longo da fase de coleta de dados, visto

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

que as falas das cinco participantes foram recorrentes em diversos temas. Apesar de apenas uma entrevistada ser representante das ciências exatas, não buscamos outras participantes com esta característica pois sua fala não destoou das demais e o estudo não propõe uma comparação deste tipo.

## 3.3.
## A profissão e a identidade feminina

Quando perguntadas sobre o significado de suas carreiras as participantes conferem atributos relacionados à satisfação pessoal e independência financeira. Além disso, enfatizam a experiência em produzir algo que não seja entediante, fato que podemos contrapor ao trabalho doméstico: não remunerado, rotineiro e desvalorizado socialmente. Atuar no mercado de trabalho, portanto, significa a conquista da independência, da autonomia e da chave de casa (Singly,2007)

> *'Eu sou... eu sou... assim eu gosto muito do que eu faço*[...] *Gosto bastante do que eu faço, até porque eu trabalho em áreas bem distintas dentro da minha profissão e isso tira um pouquinho da rotina. Então profissionalmente eu me sinto realizada'* (Aline)

> *'Eu gosto* [da minha profissão]*! É bom ter independência. Minha mãe sempre falava assim: - nunca dependa de homem nenhum. Eu sou assim: eu detesto depender de homem. Eu gosto da independência financeira. Eu gosto dessa agitação, dessa coisa mais dinâmica.'* (Laura)

Observamos que as entrevistadas trazem consigo a marca de sua profissão como parte de sua identidade. Verificamos que a carreira, em alguns momentos, se confunde com a própria existência das participantes.

> *'Minha carreira é minha identidade. Eu sempre quis ser professora e minha mãe, como é professora e sabe como é ser professora, não deixou eu ser professora. Eu sempre adorei trabalhar com criatividade, fui ser designer. E consegui, já tem alguns anos, que eu consegui juntar as duas coisas. Isso pra mim, sou eu! Você tira isso, você tira a Elaine. Eu gosto muito do meu trabalho.'* (Elaine)

A satisfação com a atividade profissional é um dado marcante no discurso da amostra e faz refletir sobre a autonomia da mulher no mercado de trabalho. A carreira é uma escolha para a mulher de classe média, que não precisa se submeter

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

a qualquer função para garantir o seu sustento. Trabalhar é algo que traz benefícios, é uma fonte de prazer e realização pessoal: a mulher pode escolher o que vai de encontro aos seus interesses e preferências (ROCHA-COUTINHO,2004). Isto se corrobora na fala das participantes ao demonstrarem a satisfação acima descrita e também quando observamos um cenário de insatisfação com o momento profissional, pois encontramos a expressão do desejo feminino de se ocupar do que deseja, onde sua vontade determinar, conforme a fala de Julia.

> *'Eu antigamente, não abriria mão da minha carreira por nada, sabe? Nunca me vi sem trabalhar. Não sei se é porque hoje eu estou meio desanimada com o trabalho, que eu pretendo nem voltar das férias. Eu tô nesse desânimo também por causa da minha chefe que mudou.* [...] *É insatisfação mesmo. Eu não queria parar de trabalhar, mas entre a opção de trabalhar nesta situação e ficar sem trabalhar, hoje eu prefiro ficar sem trabalhar. Na verdade, na verdade... o que eu queria mesmo era mudar de emprego.'* (Julia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

### 3.3.1.
### A educação e o desenvolvimento profissional

A formação acadêmica é outro aspecto que merece destaque quando observamos o perfil das entrevistadas. Todas concluíram o ensino superior e quatro delas continuaram sua formação em cursos de pós-graduação. Este dado retrata o investimento destas mulheres em elementos que favorecem a sua independência a partir da construção de sua carreira (BADINTER,2011).

> *'Eu fiz mestrado depois da faculdade. Durante o mestrado eu trabalhava também, mas não era integral. Comecei* [a trabalhar], *acho que em 2002. Foi quando eu entrei para empresa* X [do ramo de telecomunicações], *fiquei lá uns seis anos e em 2008 eu vim para a empresa que estou agora.'* (Laura)

Especialmente quando se trata do desenvolvimento das competências técnicas através da educação formal as mulheres enfrentam um impasse, na ocasião em que optam por interromper o percurso de amadurecimento profissional para atender ao desejo de ser mãe, antes que o envelhecimento biológico de seu aparelho reprodutor as impeça. Badinter (op.cit.) propõe que as dificuldades com

a gestação, que aumentam conforme o tempo, são determinantes para a decisão sobre a gravidez. A ampulheta, que é o corpo, põe a mulher em xeque – maternidade: é agora ou nunca?

> *'Eu sinto que ainda tenho um longo caminho a percorrer, que eu gostaria de percorrer e que eu ainda não pude. Eu pretendo fazer o mestrado, pretendo fazer o doutorado. Só que são períodos que você precisa de uma certa dedicação e eu decidi ser mãe no meio, nesse meio tempo. Até porque eu já tenho 32 anos, vou fazer 33, e falei: - se eu fosse esperar todo esse período eu acho que ia ficar muito tarde. Então, eu optei por ser mãe. Mas eu pretendo dar continuidade. Dentro da minha carreira eu já consegui fazer uma especialização, já consegui fazer mais de uma especialização. Consegui me especializar mas eu sinto que ainda tenho um caminho a percorrer.'* (Aline)

Entretanto, o discurso da maioria das entrevistadas nos mostra que elas enfrentam a questão considerando uma breve interrupção, por escolha própria, necessária para realizarem o desejo da maternidade. Notamos que as entrevistadas não abdicam definitivamente de sua vida profissional e pretendem retomar o processo de aprimoramento de suas competências, mediante formação continuada. Apenas uma, entretanto, retomou este objetivo ao voltar a escrever sua tese de doutorado após o nascimento da filha.

> *'Eu penso em continuar e evoluir na área fazendo cursos de extensão, fazendo especialização. Eu pretendo crescer na área. Eu tenho alguns planos aí pela frente. Não está concretizado ainda, apenas no papel'* (Daniela)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

## 3.4.
## Contas divididas

A conquista do mercado de trabalho pelas mulheres e a autonomia alcançada nesta condição transformam a responsabilidade pela administração financeira da casa. Notamos que a remuneração de nossas entrevistadas compõe a renda familiar de forma significativa e, conforme seu discurso, a igualdade entre os gêneros se faz presente quando o assunto são as despesas mensais: os dois trabalham, os dois pagam.

> *'Então a gente sempre pegou e dividiu tudo. Tudo meio a meio. No início, eu ganhava mais mas, agora a gente está equiparado, mantém essa divisão. Sou bem independente*. [risos]*'* (Laura)

> *'A gente divide tudo. Nós temos uma conta, em conjunto, que as contas vêm e a gente paga. Não, não tem um salário que pese mais.'* (Daniela)

Em alguns casos, especialmente quando a remuneração masculina é superior à da mulher, os homens assumem a responsabilidade sobre mais despesas em casa. Entretanto, a mulher contribui significativamente e reconhece que sua participação incide na manutenção de um padrão de qualidade de vida mais elevado, de acordo com sua classe social. Cabe ressaltar o aspecto de menos valia atribuído, pela própria mulher, às despesas que sob a responsabilidade feminina.

> *'* [Sobre as despesas da casa] *Eu acho que fica um pouco mais com ele do que comigo, mas a gente consegue dividir bastante. Acaba que se você for colocar na ponta do lápis, o dele é maior porque ele tem vale alimentação, por exemplo, as nossas compras são todas no vale alimentação dele, o que é muita coisa. Mas o plano de saúde do Bruno, sou eu que pago, as contas de casa, luz, gás, essas coisinhas que são menores, sou eu que pago. Colégio, TV a cabo é com ele. Mas, se não existisse a minha renda, a dele não daria. Ele não consegue abarcar tudo. Se fosse só a dele, até daria, mas a gente ficaria muito apertado.'* (Aline)

Verificamos também que, em alguns casos, o homem assume a maior parte das despesas domésticas, se responsabilizando pela provisão do lar. Quando esta configuração se apresenta é possível perceber que houve um consenso entre o casal. Isto nos faz refletir sobre as negociações existentes em oposição ao papel de provedor exclusivo, determinado pela cultura, que o homem desempenhava.

> *'Há um tempo atrás eu ainda precisava dividir muito as contas aqui em casa. Graças a Deus, o João consegue arcar com todas as despesas. A casa própria, a gente não paga mais financiamento, e a maior parte das despesas do dia-a-dia ele arca com tudo. Hoje, de pagar, eu só pago a creche da Isabela, mais nada. O restante do meu dinheiro é para mim e para ela, eu não preciso contribuir com nada aqui em casa.'* (Julia)

Complementando esta ideia, identificamos também certa flexibilidade quanto à prevalência de uma das rendas no sustento familiar, em função do momento profissional cada membro. Estes ajustes são viáveis considerando a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

maior estabilidade financeira da classe média e a garantia de alguns itens básicos, tais como habitação, alimentação e educação.

> '[sobre a administração financeira da casa] *Isso é complicado porque a creche da Gabriela é uma creche cara. E depois que ela nasceu, eu tenho uma empregada que trabalhava aqui duas vezes por semana e passou a trabalhar três, então aumentam todos os gastos, né? O Fábio hoje está pagando muito mais do que eu. Ele ganha um pouco mais do que eu. Ele entra com mais grana do que eu neste momento.'* (Elaine)

## 3.5.
## Decidi - e planejei - ser mãe!

A experiência da maternidade na classe média possui algumas características específicas. A relação entre a idade dos filhos e o tempo de relacionamento é um aspecto que merece destaque. No grupo de participantes estudado, o nascimento do bebê ocorreu, em média, após três anos do início do casamento. Este fato corrobora a ideia de que a maternidade é uma escolha que se coloca em meio a outros desejos. Ter a carreira encaminhada e relação conjugal estável são algumas das prioridades que mulher estabelece quando se trata do planejamento de seu futuro, conforme os escritos de Badinter (op.cit.). A gravidez é então planejada e a decisão da mulher parece prevalecer neste momento.

> *'Na verdade,* [a gravidez] *foi planejada, né? Claro que eu achava que ia demorar mais porque eu já tinha mais idade. Eu engravidei com 35* [...] *Eu casei em 2009, fui engravidar em 2011 e ela nasceu em 2012. Já tinha uns dois anos de casado, então acho que já estava no momento. Foi a idade, foi o momento. Eu sou muito planejada, né? Não dá para não ser. Gerente de Projetos, né? Então eu gosto de ver tudo certinho'* (Laura)

Quando discorrem sobre a descoberta da gravidez, as entrevistadas marcam a interrupção da utilização dos métodos contraceptivos, fato que evidencia o controle da mulher sobre o próprio corpo e sobre a própria vontade. É interessante destacar a forma como as entrevistadas se surpreendem com a rapidez com que engravidaram após interromperem o uso de anticoncepcionais, conforme retratado abaixo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> ‘[A gravidez] *foi planejada. Eu parei de tomar remédio para engravidar. Eu engravidei mais rápido do que eu esperava. Eu parei e imaginei que fosse ficar um tempo porque eu já tomava anticoncepcional há mais de 10 anos. Então, imaginei que fosse ficar uns seis meses, até um ano, pra engravidar* [...] *Eu engravidei em um mês. Então, foi mais rápido do que eu esperava mas foi planejado.’* (Aline)

> *‘A gente já estava pensando e veio muito rápido. Parei de tomar remédio em um mês e no outro eu já descobri que estava grávida. Foi uma emoção só, eu chorei pra caramba! Meu marido curtiu muito também porque ele queria né? Ele já vinha me pedindo filho há muito tempo. Eu falando que não, que não era o momento. Aí eu falei: ah vou deixar rolar! Eu achava que não era o momento por causa da profissão. Iria cair muito a minha comissão porque eu só iria ganhar o salário que está na carteira.’* (Daniela)

Isto aponta uma preocupação com possíveis danos ao organismo devido ao controle de um processo compreendido como natural. Há um discurso de medo que promove expectativas quanto à dificuldade para engravidar. É a fantasia de que deve-se pagar um preço a pela autonomia feminina em relação ao próprio corpo, como se esperassem uma revolta da própria natureza, conforme vimos na análise de Badinter (op.cit.) sobre o naturalismo e a maternidade.

O anúncio da gravidez no meio organizacional é um momento particular para as mulheres que trabalham. Ao assumir o status “grávida”, a mulher tem direito à estabilidade legal em relação ao vínculo empregatício, entretanto, ela vive a expectativa quanto à aceitação desta condição pelos colegas de trabalhos e superiores, em virtude do tempo de licença maternidade ou ainda em função de eventuais dificuldades durante a gestação, que podem limitar a mulher em relação à produtividade.

No entanto a realidade não confirmou esses temores pois os resultados da pesquisa apontam para experiências positivas em relação à gravidez no trabalho, de forma que a boa aceitação por parte dos superiores é surpreendente para as mulheres. Observamos que o anúncio da gravidez foi recebido de forma compreensiva por parte dos gestores que tem familiaridade com a maternidade, seja pela empatia despertada pelo profissional de mesmo gênero ou ainda, quando se trata de homens, pela experiência da paternidade.

> *‘As pessoas com quem eu trabalho ficaram muito próximas, todas ficaram muito contentes, apesar de ter um lado ruim para o meu trabalho porque a*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *minha licença maternidade é bem longa – é de um ano. Então é lógico que surge: - ah você vai ficar um ano longe. Mas, foi bom. Assim eu achei que não foi uma coisa ruim. Não tive de ninguém, nem da chefia, assim, não me passou nada ruim, não.'* (Aline)

> *'A gente sempre tem uma preocupação em relação à carreira, né? Se vai ser bom, se vai ser ruim. Se isso afeta, se não afeta. É claro que... assim, foi engraçado que eu engravidei e saí de licença. Quando eu voltei estava totalmente diferente e hoje a minha gerente é uma mulher também. E acabou que eu virei gerente quando eu voltei de licença que era uma coisa que eu não esperava. Eu acho que não afetou e acho que pelo fato de* [a gerente] *ser mulher é mais fácil também. Meio que a gente se entende'* (Laura)

> *'Quando meu chefe chegou, estava todo mundo me abraçando, me dando os parabéns. Ele falou: - O que é que foi? Eu falei: - Tô grávida! Ele tinha acabado de ter neném, então ele ficou muito feliz. Então ele estava passando pelo processo de ter um filho. Ele me deu um super apoio, ficou super feliz. Foi muito bom! E o engraçado é que ele veio conversar comigo, ele disse assim: - Olha Julia, é muito difícil. A Lúcia* [esposa do chefe de Julia] *passou muito perrengue na gravidez, então, se por acaso você dormir, assim, não tem problema, eu vou entender, porque a Lucia dormia apoiada na mão no trabalho. Então foi super tranquila a minha gravidez no trabalho.'* (Julia)

Quando as participantes respondem sobre a rotina de trabalho durante a gravidez notamos poucas mudanças quando comparam as demandas, jornada e tarefas realizadas anteriormente.

> *'Era um ano que eu estava envolvida mesmo, com a coordenação do curso, com as aulas. Continuei dando aula normalmente, trabalhando com a coordenação normalmente e pensando, como toda grávida pensa, na mudança que ia ser na vida, planejando a chegada.'* (Elaine)

As mulheres relatam mudanças mais significativas na rotina quando esta pode trazer risco ao bebê. Nas situações em que o trabalho pode oferecer algum risco ao bebê, as grávidas relataram sentirem-se protegidas pelos demais profissionais.

> *'*[...] *as pessoas me poupavam e por eu trabalhar na área da saúde tinham determinados procedimentos que envolviam algumas medicações que eu não podia ter contato. Então, eu evitava entrar em contato com aquela situação. Às vezes eu esquecia, mas eu conseguia me poupar. Então mudou com relação a isso, sim. Alguns procedimentos eu deixei de fazer e*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *voltei a fazer só depois. Mas em geral, não, não senti muita diferença.'* (Aline)

> *'Só me tiraram do laser para trabalhar em outra unidade que não é com laser: com massagem modeladora, drenagem linfática, essa parte de estética dentro da fisioterapia. Foi tranquilo.'* (Daniela)

Apesar de não relatarem mudança significativa na rotina do trabalho, identificamos, em duas das entrevistadas, alguns ajustes feitos em função da gravidez e do futuro nascimento. Estes ajustes compreendem a redução das atividades paralelas, que garantem maior rendimento mensal, em virtude da necessidade de estar mais próxima ou ter mais tempo para se dedicar à criança. Tal situação nos remete à lógica que Louro (2012) abordou na sua análise sobre o exercício do magistério, no qual o trabalho da mulher era possível até o ponto em que não interferisse nas responsabilidades com o casamento e cuidado dos filhos Assim, podemos destacar que a carreira feminina é o alvo das negociações quando se pensa no cuidado com a criança conforme apontou Badinter (2011).

> *'Antes de ficar grávida, eu saía daqui* [da empresa] *e ia atender particular, na casa das pessoas, para fazer home care. Então, era bem puxada a rotina. Eu chegava em casa mais tarde, cansada de usar os braços. Era bem puxado. Hoje eu não atendo, eu parei. Mas assim, com toda a sinceridade, eu não sei por quanto tempo vou continuar sem atender porque não dá. Não dá por causa do tempo... até, no máximo 18:00h, eu tenho que estar em casa'* (Daniela)

> *'Eu trabalhava em outra cidade. Eu já sabia, quando eu engravidei, eu já imaginava que depois que o neném nascesse que essa parte da minha vida eu teria que repensar. E realmente foi o que aconteceu. Eu já pensava em pedir exoneração de lá porque eu pensava:- eu vou estar em Petrópolis, eu vou ter que botar ele na creche. Aí vão me ligar da creche pra dizer que ele está com febre, que está com alguma coisa. Como eu vou me deslocar lá de Petrópolis pra creche em tempo curto? Impossível. Ia ficar bem difícil. Só que, por circunstâncias da vida, quando estava acabando minha licença maternidade de seis meses, eu fui chamada em outro concurso. Então eu entrei para o outro emprego e saí de lá. Coincidiu exatamente, apesar de já ser o meu pensamento. Pra mim era uma decisão difícil de tomar porque afinal de contas largar um emprego público hoje em dia é muito complicado porque é uma segurança que você tem, mas eu já tinha pensado em fazer isso.'* (Aline)

Verificamos que mulheres trabalham até as últimas semanas da gestação quando não há complicações na gravidez. A máxima "gravidez não é doença" é

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

vivida pelas mulheres de modo que elas adiam ao máximo o afastamento do trabalho. Elas se ausentam do trabalho quando o cansaço excessivo ou o peso do novo corpo se torna insustentável. Em nossa pesquisa, verificamos que este afastamento se deu cerca de 15 a 20 dias antes do parto, quando houve recomendação médica para tal.

> *'Como a minha gravidez foi muito tranquila, mas muito tranquila, eu trabalhei até uma semana antes da Isabela nascer. Trabalhei normalmente* [...] *Não precisei sair antes, não. Estava muito bem.'* (Julia)

> *'Eu trabalhei quase até o final porque eu fiz cesárea então já estava com data marcada. Fiz homeoffice alguns dias. Eu comecei a trabalhar de casa, porque estava muito pesada e inchada. Mas fiz isso umas duas semanas e saí quase que no período certinho'* (Laura)

Este dado nos faz refletir sobre as exigências que a mulher precisa atender mesmo com todas as modificações corporais que a gravidez lhe impõe. Além disso, o tempo de licença maternidade, determinado pela legislação vigente, é e computado a partir do afastamento da mãe. As mulheres optam por adiar o afastamento antes do parto para que possam ficar mais dias com seu bebê após o nascimento. São impasses e sacrifícios que se apresentam para a mãe trabalhadora.

> *'Eu não lembro até qual semana* [eu trabalhei] *mas eu tive neném em meados de janeiro e trabalhei até 26 de dezembro. Então...* [trabalhei até] *20 dias, aproximadamente, antes. A minha médica que me colocou de licença porque eu estava tendo contrações. Era um período de verão intenso e pra mim estava sendo muito sacrificante. Eu trabalhava no andar de cima, então eu precisava subir escada, descer escada.'* (Daniela)

> *'Eu trabalhei até umas 35 semanas. Meu filho nasceu com 39 semanas. O que também pra mim foi bem bacana porque no final da gestação, apesar de ter sido super tranquila, já estava me sentindo muito cansada e a minha profissão, mesmo que as pessoas tentem me poupar, tem momentos que depende muito de mim, depende muito da minha presença. Então, eu não consegui levar até as 39.'* (Aline)

> *'Ela foi um bebê muito grande, minha barriga ficou muito grande e uns 15 dias antes eu entrei de licença.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

## 3.6.
## Nascimento: primeiras relações, conflitos e desafios

Conforme apresentado na literatura, especialmente nos escritos de Winnicott, as mulheres assumem uma condição especial após o nascimento do bebê na qual se dedicam exclusivamente ao atendimento das demandas do novo membro da família. Observamos que este momento inicial é vivido com muita dificuldade pelas mães visto que, abruptamente, ela perde a referência de si, de suas vontades e necessidades, para se conectar ao bebê. Essa condição não parece ser natural às mulheres considerando que elas dispendem muita energia, física e psíquica, para se colocarem nesta posição. O discurso sobre esse período é marcado por expressões que remetem à angústia, pelo cansaço e sofrimento e também pelas situações estressantes conforme Rapoport & Piccinini (2011) elucidaram.

> *'A pior fase são os primeiros meses, as primeiras semanas. É muito difícil porque é um serzinho que tá ali dependendo de você. É uma coisa nova. Mas não tem jeito: tem hora que é desesperador porque você está cansada, você está com fome, o bebê chora, o bebê quer peito, você tem que dar mamar, você tem que... enfim, milhões de coisas! No começo - os primeiros meses, as primeiras semanas - é muito difícil.'* (Aline)

> *'Em primeiro lugar, a gente não dorme. Assim, muda o teu hábito de uma hora pra outra. O primeiro mês realmente foi punk!'* (Daniela)

Percebemos que, para as entrevistadas, se desvincular dos demais papéis desempenhados, em função do cuidado ao bebê, trouxe conflitos em relação à sua identidade e também culpabilização, quando não assumiam integralmente a função materna e se ocupavam de outras atividades. A vivência dos primeiros tempos da maternidade, na fala das entrevistadas, aparece como uma contraposição da dinâmica própria da maternidade - preocupação materna primária segundo Winnicott (1975) - com a dinâmica da contemporaneidade, que requer flexibilidade e volatilidade para transitar em meio aos valores do mundo globalizado e multifuncional, conforme descreve Baumam (2000) onde o trabalho e as questões materiais se sobressaem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *'Me desliguei de tudo mesmo [...] Então foi um baque muito grande de atividades, foi uma mudança. O foco é muito grande no bebê. Eu tive uma crise de identidade muito grande nessa época e eu estava querendo muito voltar a trabalhar.'* (Elaine)

> *'Olha... Eu resolvi comprar um apartamento e a liberação do apartamento só saiu, justamente, depois do nascimento dela. Então, foi meio que amamentando e cuidando da obra do apartamento. Eu me forcei a mudar antes de voltar a trabalhar. Me mudei no finalzinho de voltar a trabalhar. Então foi muito dividido entre cuidar dela e também ver a obra. O que foi um pouco ruim.'* (Laura)

Os resultados obtidos nos fazem refletir sobre a angústia vivida pelas mães quando não encontram satisfação na entrega incondicional e exclusiva ao bebê. O meio social propaga um discurso muito romantizado sobre a relação mãe-bebê, onde prevalecem imagens de crianças angelicais e mães tranquilas, que vivem o êxtase do contato com o bebê e com a sua função de promover o desenvolvimento de um ser, discurso este denunciado por Badinter (op.cit.). Quando as mulheres vivenciam a realidade desta experiência se deparam com a frustração, ao desiludir a magia das páginas de revista e lidar com suas limitações.

> *'No começo, os primeiros meses, as primeiras semanas, é muito difícil. O que é muito complicado também porque você se sente muito cansada e se sente muito culpada de estar cansada e de não estar feliz. Porque eu pensava: - mas gente, por que eu não tô feliz? Eu tenho um filho saudável, eu tenho meu marido que me ajuda, eu tenho uma casa, eu tenho uma família e por que eu não tô morta de felicidade? Na verdade não, eu tô aqui, com essa cara de acabada, arrasada... mas passa. É realmente o primeiro momento.'* (Aline)

> *'Eu não consegui curtir a Isabela, até um ano de idade. Hoje eu consigo curtir a minha filha, graças a Deus! Até um ano foi tanto sofrimento, tantos médicos que eu não consegui curtir. Sabe, parecia que a gente sobrevivia, um dia após o outro. Foi muito difícil.'* (Julia)

### 3.6.1.
### Amamentação: o dever da boa mãe?

A amamentação é uma temática marcante para as mulheres considerando a valorização social deste ato, que se legitima no discurso médico quanto aos benefícios do leite materno para a saúde do bebê. Um dado muito importante encontrado na pesquisa foi a dificuldade de amamentar que 4 participantes se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

depararam, apesar do desejo delas. As mães tiveram problemas em relação a capacidade de nutrir seus bebês apenas com o leite materno. de modo que precisaram recorrer aos suplementos alimentares. Nossas entrevistadas sentem-se culpadas por não amamentarem, como se este fosse o dever da boa mãe.

> *'Desde sempre eu quis amamentar exclusivamente no peito. Mas o meu leite demorou muito a descer. Eu não fui orientada a dar o complemento da maneira certa então eu incluí a chuquinha* [mamadeira] *nela. Só que mamar na chuquinha é muito mais fácil que mamar no peito, então, aos poucos ela foi largando o peito, largando o peito, até que meu leite acabou. Secou meu leite. Foi muito ruim. Eu me senti muito culpada.'* (Daniela)

É interessante destacar as dificuldades de aceitar a inclusão de complementos através da mamadeira. Se por um lado o uso da mamadeira possibilita a substituição da mãe por outro cuidador, permitindo que ela se ocupe de outras atividades, por outro é a objetificação de uma prática privativa da mulher. As mães resistem em aceitar que a amamentação não faz parte da sua relação com o bebê, como se não fossem capazes de atenderem seus filhos em todas as necessidades. Algumas mulheres sentem com muita angústia a impossibilidade da amamentação pois assumem isto como a marca da "mãe-má", que não amamenta o filho.

> *'Desde a maternidade já deram leite industrializado para a Gabriela, de uma forma que ela chorava muito no meu peito. Eu consegui amamentar ela durante dois meses e ela perdeu muito peso. O pediatra falou: - assim não tem condição! A gente tem que entrar com um leitinho, com um complemento porque não tem jeito. Isso foi muito difícil para mim. Até hoje é uma mancha assim na minha vida: não ter amamentado. Eu me sinto menos feminina, a coisa da fêmea, a coisa de nutrir com o alimento. Até hoje quando eu falo nisso, é difícil respirar. É uma coisa estranha. Nossa! Vejo mães amamentando e eu amamentei muito pouco a minha filha. Vem aquele sentimento: - Ai, como eu gostaria! Foi muito difícil essa fase, até eu entender isso, foi muito difícil. Eu tive que ter uma ajuda psicológica mesmo.'* (Elaine)

A problemática apresentada nos faz refletir sobre a "batalha do leite" apresentada por Badinter (op.cit.) como um movimento de mulheres organizadas na Leche League em favor da amamentação em oposição ao aleitamento artificial. A ideologia defendida por este grupo, que se estendeu a campanhas mundiais de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

incentivo ao aleitamento materno, coloca o alimento natural como a principal e melhor fonte de nutrientes para a criança. Assim, incentiva-se que o leite materno deve ser a única forma de nutrição até os seis meses de idade, podendo ser combinado com outros alimentos entre seis meses e dois anos. A crença de que a amamentação é a forma ideal de nutrir o bebê pode provocar angústia quando esta mulher não consegue realizá-la. Esta determinação cultural pode silenciar a expressão das mulheres que possuem sentimentos distintos em relação ao ato de amamentar, pois estabelece um padrão a todas as mães, independente do seu desejo, possibilidade e experiência com este processo.

> *'Eu consegui amamentar a Isabela exclusivamente com leite materno, por 5 dias. Com 5 dias uma enfermeira, que eu contratei para furar a orelha da Isabela em casa, achou ela um bebê estranho e falou assim: Ela está mamando? Eu falei: está, ela fica horas no peito e não aguento mais. E ela viu que a Isabela estava desidratada. Eu não tinha leite, ela mamava ar. E aí, desde o quinto dia de vida, ela entrou no complemento.' (Julia)*

> *'*[a filha foi amamentada] *até... não chegou a completar um ano, não. Ela sempre mamou mamadeira e peito. Só que o peito era mais chupeta pra ela. Mas ela sempre mamou mamadeira porque o peito, ela começou a perder peso no início e você tem que misturar. Aí eu comecei a dar mamadeira e peito e ela começou a ganhar peso. Eu parei porque ela começou a morder o bico do meu peito e isso começou a me dar nervoso. Aí chega, só a mamadeira. Ela não me procurou mais. Ela procurava muito pouco... pra dormir e tal. Como ela começou com essa safadeza de morder* [risos], *eu parei de dar. Eu já estava trabalhando e não dava durante o dia, era só mais à noite.'* (Laura)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

### 3.6.2.

### Hora do sono. Descanso para quem?

À noite, quando se tem a expectativa de um momento de descanso, também é hora de ser solicitada. A demanda de cuidado com as crianças parece não ter fim e o sono – ou melhor, a falta de sono – se configura como um elemento estressor para as mães conforme Rapoport & Piccinini (2011)

> *'O padrão de sono do Bruno também não é um padrão de sono bom. Ele sempre acordou de madrugada. Ele dorme rápido, mas sempre acordou.'* (Aline)

> *'A Isabela ainda tem o sono muito agitado. Ainda me dá muito trabalho. Hoje, por exemplo, ela acordou 5 vezes, à noite. Mas, em média, ela acorda três vezes. Numa noite boa ela acorda três vezes.'* (Julia)

A ciência apresenta algumas soluções em termos de objetos tecnológicos que auxiliam a lidar com as questões do sono das crianças: babás eletrônicas, pulseiras que monitoram o bebê, suas condições físicas e ambientais e ainda manuais com base científica para o adestramento do sono infantil e descanso das mães, conforme propõe o método Nana Neném.[3] Dentre nossas entrevistadas percebemos que elas se utilizam da interação e contato com os filhos para resolução do problema, solução que não atende aos seus desejos de descansar ou ainda de se voltar para outras atividades, para além dos cuidados infantis.

> *'De noite a minha filha tem uma crise de choro porque ela luta pra dormir. Ela está com sono mas luta pra não dormir. Ela não quer dormir sozinha, tem que pegar ela no colo e ninar para ela poder dormir.'* (Daniela)

> *'Mas na hora de dormir não tem jeito. O meu marido tenta muito: - Filho, vamos dormir? Vamos dormir com papai?* [o filho responde] - *Não. 'Dumi' com a mamãe. Não, você não, você não! O que é muito cansativo, porque essa hora é a hora que eu consigo fazer minhas coisas, às vezes, ler alguma coisa... mas aí eu tenho que colocar ele pra dormir, eu tô com muito sono e nessa eu durmo junto.'* (Aline)

### 3.6.3.
### Decifre-me... se for capaz! As mães e o choro do bebê

O choro é uma das formas de comunicação que o bebê é capaz de produzir no início da vida para reagir a estímulos (BUSNEL,1997). Se o choro na vida adulta pode representar emoção e até alegria, para o recém-nascido pode ser a expressão de incômodo, provocado pelo ambiente ou pelo seu próprio corpo, visto que no próprio parto o choro é um identificador da condição de estar no novo mundo, em meio ao desconhecido. Decifrar este choro não é tarefa fácil e envolve angústia por parte dos pais, pois sua incapacidade de compreensão significa o sofrimento do bebê.

[3] Método desenvolvido por Eduard Estivill, pediatra e neurofisiólogo,diretor da Clínica Del Sueño Estivill, que consiste em rotinas e normas, destinadas aos pais para solucionar os problemas de insônia infantil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *'O neném chora, você não sabe por que o neném está chorando. Você não sabe se é fome, se é frio, se é calor. Isso começava a me dar um desespero.'* (Daniela)

Uma das entrevistadas relata a experiência de lidar com problemas de saúde de sua filha, a dificuldade de identificar a doença e a solução para tal adversidade. Enquanto isso não acontecia, choro para manifestar a dor e consequente desespero dos pais! O bebê real se mostra também com imperfeições e evoca conflitos da própria mãe em relação à sua experiência infantil (AULAGNIER, 1999). Lidar com esta questão é um desafio especial para as mulheres, pois elas não contam com o refúgio do trabalho para se afastarem do caos, representado nestes momentos.

> *'A Isabela nasceu com uns probleminhas. Ela nasceu com um torcicolo congênito e tinha um caroço muito grande no pescoço. Desde uns 15 dias de vida ela fazia fisioterapia, fez até 9 meses. Então, era uma rotina assim meio pesada, sabe? E ela chorava muito! Ela não dormia nem de dia, nem de noite. Não sei se era por causa do caroço, ou se era porque eu não tive leite. Era assim... desesperador, porque ela vomitava muito. A gente achava que era refluxo. Eu tratava como refluxo, o pediatra falava que era refluxo. Eu entupi ela de remédio e não era. Ela não tinha nenhuma alergia de pele, era só alergia respiratória. Então, desde que ela nasceu ela vive resfriada. O médico falava: é rinite, é rinite. Não era, era alergia ao leite. Com um ano a gente descobriu e ai, sim, começou a tratar. Então, assim... o ano do nascimento da Isabela foi terrível. Foi muito pesado, muito pesado. Muito sofrimento, muito cansaço.'* (Julia)

Conforme observamos nesta fala, o discurso dos especialistas em alguns momentos não é suficiente para trazer alento para a mulher, pois a técnica não comporta todas as especificidades da subjetividade, ainda que se trate de um dado mais concreto tal como um sintoma orgânico. Notamos que, apesar da veiculação de saberes e manuais que propõe regras para a relação mãe-bebê, as entrevistadas se preocupam em estreitar esta relação para que transmitam segurança e bem-estar ao seu filho.

> *'A cada choro dele era muito ruim. Porque você não sabe o que está passando na cabecinha dele. Se ele está achando que eu vou deixar ele, que eu vou abandonar. No começo eu fiquei muito preocupada com o que ele estava sentindo, primeiro porque eu jamais iria saber, porque é um bebê.'* (Aline)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

## 3.7.
## O anjo da minha mãe - o cuidado de quem cuida

Para que a mulher consiga se conectar ao bebê é fundamental que ela receba suporte dos outros membros da família. Verificamos a importância da presença de um cuidador que seja capaz de auxiliar às mães com rotina do bebê e também que dispense atenção à sua existência. Observamos que as avós, mãe das entrevistadas, atuam como estas figuras de suporte, que amenizam a angústia sentida pelas novas mães diante das exigências que precisam atender. Devido ao adiamento da gravidez pelas mulheres da faixa etária representada neste estudo, muitas dessas avós encontram-se aposentadas e se disponibilizam para ajudar suas filhas.

> *'Minha mãe se aproximou muito. Ela mora mais ou menos próximo e ela vinha todos os dias para cá, oito e meia da manhã ela chegava. Foi muito legal porque ela cuidava muito de mim. A gente esquece um pouco de cuidar da gente, da minha alimentação: 'O que você vai almoçar? O que você quer de café da manhã?' E dava todo o apoio com a Gabriela: o que você tem que fazer, tá chorando por quê? Ela ajudava a identificar. Ela dava todo esse apoio também com a Gabriela até a gente aprender. Então foi muito bacana. Contar com isso é ótimo.'* (Elaine)

> *'A minha mãe fazia tudo: arrumava a casa, fazia comida, passava roupa, coitada. Depois que ela foi embora, primeiro, eu chorei muito. Primeiro eu chorei (risos). Depois, a vida continua.'* (Daniela)

A condição de se colocar à disposição do bebê pode ser desestruturante de tal modo que a mulher pode sentir a sua própria vida ameaçada. A existência de suporte prático e emocional favorece a passagem pelas situações estressantes sem que a integridade da mãe seja abalada de forma irreparável. Apenas sentindo-se amparada a mãe pode trazer segurança ao seu próprio filho.

> *'Minha mãe me ajudou nesse período. Eu morei seis meses na casa da minha mãe, quando a Isabela nasceu. Acho que se eu não tivesse morado eu teria me matado, sabe? Eu teria entrado em depressão pós-parto'* (Julia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

*'Tinha o anjo da minha mãe* (me ajudando). *Passou 15 dias comigo na minha casa. E eu pensei, de coração, que eu não fosse sobreviver. Pensei: eu não tenho forças.'* (Daniela)

## 3.8.
## Voltando à vida profissional: sentimentos, conflitos e conquistas

No Brasil, a licença-maternidade para funcionárias da iniciativa privada tem duração de 4 meses podendo se estender a 6 meses, quando as empresas optam por esse regime e recebem deduções fiscais em contrapartida, conforme a lei 11.770/2008. Quatro entrevistadas utilizaram a estratégia de agregar o mês de férias ao tempo da licença, para assim ampliar o período de permanência junto ao bebê. É uma estratégia que corresponde às táticas de "invenção do cotidiano" apresentadas por Certeau (op.cit.).

O retorno ao trabalho após o término da licença maternidade é um ponto relevante para nossa pesquisa considerando que, neste momento, a mulher contemporânea se depara com a realidade de integrar as múltiplas funções que fazem parte de identidade. Para algumas entrevistadas este momento é vivido com extrema dificuldade. Se no estágio inicial a exclusividade da dedicação ao bebê regia suas vidas, a palavra de ordem deste momento é "conciliação!"

*'Muito difícil porque foi o momento que juntou na minha vida todas as minhas funções. Eu tinha que ser profissional, tinha que ser dona de casa, tinha que ser mãe e eu tinha que ser mulher porque também não dá para nada ser esquecido. E eu tinha que ser filha, porque eu sou uma filha muito participativa.' (Aline)*

*' Porque se fosse só cuidar da filha, ok, tranquilo. Mas é a filha, o marido, a casa, o trabalho. Eu? Olha a minha unha! Minha unha eu não faço há alguns meses... Mas é assim, a gente abre mão pra justamente conciliar isto tudo.' (Julia)*

Observamos também a expressão da satisfação de algumas mulheres quando podem novamente se ocupar das outras esferas de sua vida.

*'Estava muito ansiosa para voltar. Por que? Porque antes da Gabriela nascer eu vinha num pique de trabalho muito acelerado. Nasceu a Gabriela, aquela loucura de mudança de vida, é uma crise de identidade muito grande, né? Depois, três meses que eu estava em casa, eu falei: - gente, eu preciso trabalhar. Eu não tô aguentando mais ficar em casa, eu*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

*preciso trabalhar. Eu descobri, nesse período de licença, que essa coisa de ser uma coisa só na vida, só mãe, não funciona. Não funcionou pra mim. Eu estava precisando muito assumir minhas outras identidades.'* (Elaine)

### 3.8.1.

### Olhar para o mundo externo: alívio e angústia

O retorno ao trabalho representa, portanto, a reorientação para outros objetos de satisfação. A separação da unidade mãe-bebê é fundamental para o bom desenvolvimento do bebê (Winnicott, 2006) e também para a mãe, mas passar por esta fase significa vivenciar conflitos e, especialmente, lidar com a culpa sentida quando o olhar se volta para outro objeto, que não o filho. Rocha-Coutinho (2004) afirma que as mulheres se dividem e se multiplicam, vivendo com conflito esta realidade de lidar com funções e desejos distintos. A fala de três das entrevistadas expressa a mesma questão: queria estar com o meu filho, mas estou trabalhando.

*'É um sentimento de culpa por você estar deixando sua filha para poder trabalhar, Sabe? E se ela precisar de você? Eu não estar mais acompanhando a faixa dela, o desenvolvimento dela. Ontem mesmo minha mãe disse: - Ah Daniela ela aprendeu a fazer 'brruu'. Eu falei: - Caramba! Eu não vi! São coisas que pesam. Pesam.'* (Daniela)

*'Você pensa: Ah queria tá com ele! Queria tá perto dele, mas eu não posso. Tô longe. Como sou enfermeira, o meu trabalho não é nada burocrático, eu simplesmente não posso abandonar o lugar que tô trabalhando. Se é alguma coisa burocrática dá pra você deixar para o dia seguinte, mas são pacientes que dependem de mim.'* (Aline)

*'Quando eu voltei a trabalhar eu fiquei muito feliz. E rola culpa. Às vezes, dá umas crises, né? Às vezes eu deixo ela lá (na creche). Eu fico olhando pra ela... Ai meu deus, tão pequenininha e ela aqui. Certamente, eu tô pensando na minha dedicatória [da tese de doutorado] que vou fazer para a Gabriela: 'Minha filha, quantas vezes eu deixei de estar com você.' Mas, às vezes, dá uma pontinha de culpa... Por que eu não estou com ela? Às vezes, ela fica com o pai para eu estudar um pouco, ou fica com minha mãe, nos dias que eu preciso mesmo render. Agora com a qualificação marcada então é uma ansiedade tremenda: negociar, gerenciar. E não dá para ser bom em tudo.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

O momento da separação do filho para retornar ao trabalho comporta um misto de sentimentos. Ele pode ser vivido com intenso sofrimento, ao descolar do contato exclusivo com a criança, ou ainda, ser sentido de forma positiva quando a rotina de cuidados infantis é muito desgastante. Nos dois fragmentos abaixo encontramos essa diversidade de sentimentos experimentados por mulheres contemporâneas.

> *'O problema foi quando eu voltei. Foi horrível. Horrível, horrível. Eu vou te falar, foi tão desesperador, que eu pensei que iria entrar em uma depressão. Pensei mesmo. Eu saía do trabalho e ia chorando até em casa.'* (Daniela)

O retorno ao trabalho pode também significar a perda do sentido para mulher-mãe, que deseja voltar para o reinado de sua majestade – o bebê. O sofrimento vivido pode ser compreendido como a perda de um parte de si, dada a dificuldade de lidar com a separação.

Em outros casos, a atuação profissional se apresenta também como um refúgio, pois a mulher encontra um ambiente onde pode se desvincular da função materna e da exclusividade da atenção à criança, se permitindo ter espaço para olhar para si. A reorientação para o mundo externo possibilita a experiência da mulher enquanto indivíduo que possui desejos, não necessariamente os desejos de seu bebê. As atividades laborais permitem ainda que a mulher execute o trabalho produtivo, aquele que é valorizado e reconhecido. Sair de casa pode ser um grito de liberdade contra a tirania da maternidade, ainda que momentâneo.

> *'Voltar de licença pra mim foi bom. Eu estava naquele estresse tão grande da Isabela chorar o dia todo. Pra mim, foi muito bom voltar a trabalhar, voltar pra minha rotina porque foi muito sofrido. Eu não conseguia comer porque ela só queria meu colo. Voltar para o trabalho foi muito bom porque eu conseguia almoçar. Quando eu voltei a trabalhar foi maravilhoso, juro pra você. Foi maravilhoso!'* (Julia)

O retorno ao trabalho implica em um grande desafio para a mulher contemporânea: a conciliação. Dentre as facetas que compõem sua identidade, elas priorizam a excelência nas atividades profissionais e na função materna e buscam por si só as estratégias para viabilizar esta dinâmica família-carreira, conforme também constatou Rocha-Coutinho (2005).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *'No começo você não consegue fazer nada direito, perfeito. Perfeito, não mesmo! Você não consegue fazer nenhuma das funções muito bem. A única função que eu consegui, que eu tentava, disfarçar os outros problemas para me sair um pouco melhor, era a de profissional. Como eu trabalho na área da saúde, eu acho que as pessoas que trabalham comigo, meus pacientes e a minha equipe, eles não precisam, eles não têm que arcar com o meu cansaço, com os problemas da minha vida. Esse lado e o lado mãe eu tentava suprir de alguma maneira. O meu lado dona de casa e mulher ficava meio em segundo plano. E acaba que vem as reclamações do marido.'* (Aline)

Para Badinter (op.cit) as mulheres experimentam uma tripla contradição entre o papel parental, conjugal e profissional. Esse conflito se expressa na fala das participantes que, diante das demandas que precisam atender, priorizam o desempenho da função materna e profissional. No trabalho, elas assumem as responsabilidades de sua função, não admitindo falhas em função de seu momento pessoal. Em casa, não há divisão adequada das tarefas. As mulheres se cobram por atingir um alto padrão de excelência nestas facetas e o resultado desta combinação, de acordo com o discurso das participantes, é o desgaste físico, emocional e o prejuízo na qualidade de outras esferas, especialmente na vida conjugal e nas interações com os demais que fazem parte de seus círculos sociais.

> *'Eu trabalhei igual a um zumbi, de não raciocinar. Eu queria matar as pessoas porque, como eu não dormia, eu dei uma surtada. Eu acho que até meu casamento teria ido embora porque você desconta tudo no marido, né? Você não dorme, você não come, você não conversa. Eu não fazia nada, eu vegetava. Eu trabalhava, vinha pra casa e ficava em função da Isabela.'* (Julia)

> *'Eu me sinto mais presente na vida dela. Tenho feito disso uma prioridade. Mas só eu sei, a que custo de ansiedade, isso se dá. Tô uma pessoa mais chata, por conta de trabalho, mais doutorado, mais mãe. Então quando eu levo ela pra creche, volto pra casa e o Fabio* (marido) *quer conversar comigo e eu: - Não, não posso! Não posso, tô trabalhando. Não posso. O horário de conversar não é esse. O horário de 9:30, que é quando eu volto da creche, às 18:00, eu tenho que render, render, render! Tenho que escrever meu capítulo do doutorado, então é uma coisa meio obcecada mesmo.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

### 3.8.2.
### Se fazer presente, sempre que possível!

Para compensar os momentos de ausência, em função das atividades profissionais, as mulheres buscam se dedicar às crianças nos horários livres, especialmente aos fins de semana quando programam atividades para os pequenos.

> *'Final de semana em casa, é com ele. Eu faço as coisas com ele, pra ele. Ele já sabe disso. Ele já sabe que muda a rotina, que a gente está acordando tarde, ele já sabe que é o dia dele, que é dia de passear. Ele fica eufórico! E os dias que eu estou em casa, eu acho que realmente a atenção tem que ser dele. Ele cobra isso.'* (Aline)

> *'Amor é estar presente para a criança. A gente fica tanto tempo longe dela, né? Então a gente tem que ficar com ela...O final de semana é dela, exclusivamente, dela.'* (Elaine)

As mães se preocupam com qualidade da interação estabelecida com seus filhos. Elas se propõem a incluir as crianças em suas atividades, para aumentar o tempo em que podem estar juntos, ou ainda, abrir mão dos momentos nos quais poderiam estar voltadas para seus interesses para estarem integralmente com os filhos. Esta é a presença implicada, proposta por Plastino (op.cit.), que se traduz na disponibilidade para atender às demandas daquele a quem se dispensa o cuidado.

> *'À noite é o período que eu tenho pra fazer as coisas de casa e com ele. Às vezes, eu tenho que incluir ele nas atividades que eu estou fazendo, mas eu incluo. Chegar cansada do trabalho, dar atenção pra criança. A criança precisa, ele pede a sua atenção. Eu sento, por exemplo, pego o meu celular, ele já fala: - mamãe, celular, não. Eu falo: -Tá bom, filho. Não basta estar só do lado dele. Tem que estar do lado dele sem o celular na mão, porque com o celular na mão, ele percebe que eu não estou dando atenção.'* (Aline)

> *'Às vezes ela tá vendo o Mickey Mouse. Ela fica tão absorta. Eu chamo, ela não responde então, eu vou para o computador. Aí daqui a pouco vem ela: - mamãaaae, vem ficar comigo! Ela me pega pela mão, me tira do computador, pra ficar com ela, claro.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

Além da qualidade da presença, as entrevistadas destacam a importância de um bom ambiente para acolher a criança e favorecer o seu desenvolvimento físico e emocional.

> *'Uma coisa que pra mim é importantíssima é a atenção e o exemplo que se dá para a criança. Ele observa, ele guarda muito as coisas. Então eu acho que você estar presente na vida dele é o exemplo que você dá. O exemplo de família, o exemplo do amor. O Amor, logicamente, é o principal, mas não adianta você dizer que ama, você tem que mostrar isso. Essa coisa de família para ele é muito forte. Tudo pra ele... quando eu tô junto do pai e dou um beijo no pai, aí ele: - Família? Beijo da família? Aí ele vem e dá um beijo da família. Eu acho ele inteligente? Acho, sim. Eu acho que a gente tem que explorar isso? Tem sim, mas tudo pautado no amor, no exemplo, na nossa presença na vida dele.'* (Aline)

O brincar recebe atenção especial quando as mães respondem sobre aquilo que consideram fundamental para o desenvolvimento infantil. Elas valorizam o contato e a interação entre pais e filhos durante a brincadeira. Para Winnicott (1975) este é também um espaço transicional onde se vive entre o eu e não-eu, entre o real e a fantasia, que permite a integração do sujeito.

> *'*[ sobre o desenvolvimento saudável] *Eu acho que um bom ambiente. Em casa assim, ser um ambiente que você não briga muito. Acho que um ambiente divertido. É bom ter ele* [o pai] *que brinca muito com ela, diverte muito. E a gente estimular. O colégio já estimula muito, ela tá no maternal. E a gente busca estimular ela de outras formas também com músicas, com brincadeiras.'* (Laura)

> *'Eu planejo os horários dela, eu planejo a programação dela. Quando eu vou pegar ela na creche, eu já preparo as coisas pra quando ela chegar ter um ambiente de brincadeira, comida e tal. Eu tenho uma ideia de maternidade muito assim... de coisas mais simples. Não assistir muita televisão, de brincar mais com objetos feitos, desenvolver com ela brincadeiras. Essa coisa da arte, até porque tem um pouco a ver com a minha profissão e com a profissão do Fabio, né? Eu pinto muito com ela. Então essa coisa do desenvolvimento da criatividade.'* (Elaine)

## 3.9.
## O papel do pai na organização familiar contemporânea

Para falarmos da relação da mulher com sua carreira e a maternidade é imprescindível falar sobre o papel dos pais nesta configuração. Todas as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

mudanças culturais, que deram forma à identidade feminina, também incidiram sobre a função paterna nas famílias. O homem hoje não é apenas o provedor, ele também participa do que acontece no interior do lar. Notamos no discurso das entrevistadas que o pai realiza tarefas em relação ao cuidado com as crianças para possibilitar o descanso delas, especialmente nos momentos iniciais da chegada do novo membro, ou ainda, quando estas se ausentam para trabalhar em horário distinto dos maridos. Este suporte permite a mulher o apoio moral para lidar com situações estressantes (RAPORT & PICCININI, 2011).

O homem participa da família de forma mais ativa quando comparado com a organização anterior, entretanto, os dados coletados apontam para o caráter auxiliar desta participação, visto que o pai assume as tarefas quando a mulher não pode fazer, em períodos de tempo muito menores que a mãe. Encontramos nesta categoria correlação aos escritos de Winnicott (1982) que situa o pai na posição complementar das atividades de cuidado. Em consonância com o estudo realizado por Rocha-Coutinho (2004), podemos também conceber que as mulheres conferem, ao papel desempenhado pelo pai, um caráter de colaboração.

> *'Assim, o meu marido ele é... ele foi bem participativo. Ele trocava fralda, aprendeu a trocar fralda, acordava de madrugada, enfim aquelas coisas que a mãe fazia, ele sempre fez. Ele foi participativo e continua sendo. A relação dele com Bruno é muito próxima. Eu penso que seja também pela questão da minha profissão, porque tem determinados momentos que ele precisa ficar sozinho: final de semana. Eu trabalho final de semana. Tem dias, tem finais de semana, que ele passa o dia todo, então ele tem que fazer tudo que eu faço: ele dá banho, ele dá comida. São dias que quando eu chego, ele está absolutamente cansado, tá estafado, tá derrotado. São dias estressantes pra ele, mas ele fica. Ele fica numa boa e o Bruno fica tranquilamente.'* (Aline)

> *'Por mais que ele não saiba fazer, ele se esforça ao máximo. Ele me pede: - Daniela me ensina a trocar uma fralda? Me ensina a dar um banho? Porque eu posso ajudar você. Mas eu alivio. Ele ajuda. Ele acorda de madrugada pra poder me ajudar. Quando ele está mais cansado, quando ele chega no dia anterior mais cansado, eu tento evitar chamá-lo. A não ser que ela tenha assim uma crise de choro ou acorde muito durante a noite. Se ela tiver uma crise maior que eu não dê conta, aí eu acordo ele. Normalmente, ele acorda comigo e fala: - você quer que eu vá? Se eu tiver bem, eu vou. Se eu tiver muito cansada e com sono eu falo: - Ai amor, vai lá você agora? Porque ela não está mais no peito, então está mais fácil de fazer esse revezamento. Na época que estava no peito era só eu. Mas ele*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *ajuda numa boa, sim. Eu trabalho sábado e ele que fica com ela aos sábados.'* (Daniela)

Considerando que, no grupo entrevistado, trata-se do primeiro filho do casal, destacamos o fato das mães ensinarem ou convocarem os pais para as tarefas de cuidado com o bebê. Apesar de a experiência ser nova para ambos, a mulher se coloca em uma posição de sabedoria e autoridade sobre a vida do bebê. Para Winnicott (1982) a atuação do pai depende da abertura que a mãe dá para que o homem se aproxime do bebê. Podemos, portanto, compreender a postura dos homens em relação aos filhos em virtude da atitude feminina de mediar esta relação. Os resultados de nossa pesquisa apontam para duas atitudes das mães: aquela que solicita e incentiva a participação e aquela que prefere afastar o homem de determinadas atividades, por acreditar que ele não realizará tão bem quanto ela.

> *"A Gabriela chorando depois que minha mãe ia embora, de noite, eu falava: -você tem que participar, tem que ficar com ela um pouco! Ele: - não, eu não quero! Chama uma babá! A gente brigou várias vezes, por conta disso. Jamais eu colocaria outra pessoa para tomar conta da minha filha."* (Elaine)

> *"Sempre é comigo* [a ida ao médico]. *Eu comecei a ir porque era no meio do dia. Eu arrumei um médico em Copacabana e eu moro na Tijuca. Eu já dirigia, minha mãe me acompanhava e, se eu tinha a companhia da minha mãe, eu ia. E era no meio do dia também. Eu não ligo muito para o fato de ele estar acompanhando ou não, contanto que a Mari esteja bem. E eu gosto de ouvir, gosto de dar palpite. Nunca teve necessidade dele ir sozinho, eu sempre consegui ajeitar meus horários para ir. Fora que homem sempre ouve pela metade. Mandar ele e depois ter que ligar para o médico para fazer as mesmas perguntas para saber, é melhor eu ir."* (Laura)

Uma das entrevistadas relata dificuldades vividas na relação entre seu marido e a filha, apesar de afirmar que a gravidez foi um desejo do casal. Sua justificativa para a falta de envolvimento do pai é o investimento deste na vida profissional. Apesar de maior participação paterna, esta fala aponta para a manutenção de aspectos pertinentes à divisão entre o lar e trabalho que por muito tempo determinou os lugares masculinos e femininos no meio social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *"Ele ficava muito nervoso, ele se afastou um pouco durante a gravidez. Foi difícil para o casal. Quando a Gabriela nasceu, acho que ele continua até hoje nesse processo [risos]. Não se aproxima muito. Não sei se ele acha que é excesso de responsabilidade, que ele não dá conta. Eu tenho ultimamente deixado, de propósito:- Ah fica aí que vou sair! Ou então: - vai pegar ela na creche que eu vou não sei aonde. Mas se eu não fizer, se eu não puxar, ele não chega. Ele evita. Não é que evite... Evita sim! A palavra é essa: evita. Não sei. Nem sei se ele sabe, mas eu sinto que é uma coisa assim que não rola muito fácil, pra ele. Rola uma insegurança. Acho eu que é insegurança. Entendeu? De ficar só com ela. É muito ligado na vida profissional, talvez pouco na vida dela."* (Elaine)

Este discurso nos faz refletir também sobre o papel do pai em ser e permanecer vivo, visto que a presença paterna permite à criança idealizar modelos e se constituir no contato com a alteridade para além da relação com a mãe, segundo Winnicott (1982). O processo de conhecimento do pai é fundamental para o bom desenvolvimento da criança e a mãe deve favorecer este encontro, conforme a teoria proposta.

Considerando que na atualidade ambos os parceiros atuem no mercado de trabalho e invistam na profissão, percebemos, no discurso das entrevistadas, a menor responsabilização dos pais pelos cuidados com a criança quando comparado à proporção realizada pela mãe, que além da atividade laboral, dedicam boa parte do seu tempo para se envolver e participar do mundo dos filhos. Apesar de as mães se queixarem da proporção em que os maridos interagem com as crianças, elas também os elogiam por auxiliar em tarefas simples. Podemos compreender esta ambiguidade com base na teoria winnicottiana que, embora construída em época anterior à atual, defende positivamente a atuação pontual dos pais para que a função da mãe não seja incomodada e até mesmo ameaçada pela intervenção paterna. (WINNICOTT, 1982). Essas ideias parecem ainda vigorar na representação atual sobre a maternidade, como forma de naturalizar o cuidado com os filhos em função das diferenças biológicas entre os gêneros, apesar de uma incipiente discussão sobre a maior participação de cada um dos cônjuges no cuidado infantil (ROCHA-COUTINHO,2005)

> *'Ele me ajuda muito à noite porque como ele trabalha depois de 12:00. Eu coloco ela pra dormir 21h, deito e tá com ele. Já durante o dia, ele me ajuda muito pouco. Eu ainda brigo muito com ele porque eu acho que ele*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *tinha que participar mais, sabe? Mas ele participa, eu não posso reclamar não porque ele participa. Eu acho que ele tinha que brincar mais, interagir mais. Mas ele é um pai maravilhoso, eu não tenho o que reclamar dele não.'* (Julia)

Notamos ainda a distinção entre as tarefas ligadas à administração da rotina das crianças e estabelecimento de limites e as atividades lúdicas. No contexto familiar de nossas entrevistadas não identificamos a exclusividade do tipo de tarefa para cada um dos gêneros, mas observamos a caracterização destes dois modos de interação estabelecidos com as crianças: a ordem e o lazer.

> *'Ele sempre foi mais de brincar. Ele nunca gostou muito de dar ordem. Com a Mari eu sempre fui muito de fazer... eu sou muito de pegar e fazer, não esperar ninguém fazer por mim. Ele troca fralda, mas eu ainda tenho que pedir. Mas brincar, ele adora brincar e ela adora brincar com ele. Eu sou mais assim de organizar, de botar em ordem. Ele é muito mais de brincadeira e diversão. Ela sabe que com ele ela pode brincar e se divertir então sempre busca ele. Eu brinco com ela, mas não é como ele, né? Eu sento, brinco um pouquinho e ele é mais de fazer doideiras, então ela gosta."* (Laura)

Winnicott (1982) propõe que a figura materna comporta uma série de qualidades distintas conhecidas pelo bebê. Quando os pais se posicionam na relação com o filho ele assume parte destas características de modo a complementar os papéis parentais nas ações de autoridade e também amorosas. Percebemos a distinção dessas características na fala das participantes e este fato, segundo autor, é um alento para as mães pois podem dividir algumas responsabilidades com os pais. As mães não precisam assumir todos os papéis, da ordem ao cuidado, considerando que no geral a rotina das crianças é gerida mais pelas mulheres.

> *'Ele fala: - ah eu só dou esporro nela, ela só gosta de você. Eu digo: - Claro! Porque você não interage. Quem dá comida sou eu, quem brinca sou eu, quem corre sou eu, quem brinca de massinha sou eu, quem faz tudo sou eu! Você quando chega é para dar um esporro, é logico que ela vai querer ficar comigo. Eu falo para ele que ele tem que brincar mais, participar mais.'* (Julia)

Os resultados da pesquisa apontam para dinâmicas distintas na relação entre pai e filho e naquela estabelecida entre as mães e as crianças. As

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

entrevistadas se propõem a participar da rotina dos filhos de modo mais intenso do que os pais, de acordo com o discurso das mesmas. Elas parecem buscar mais oportunidades de contato do que os homens, se responsabilizando assim por mais atividades e incorporando a rotina das crianças à própria rotina - se sobrecarregando. Isto pode ser entendido em virtude da unidade vivida com o filho nos momentos iniciais e à identificação da mulher com o significante mãe, enquanto o homem se ocupa de outros aspectos de sua vida, se apresentando primeiro como pessoa antes de ser pai (Winnicott,1982).

> *"Eu saio, levo ela pra casa da minha mãe, venho pra casa e me arrumo e vou trabalhar. Saio do trabalho venho pra casa da minha mãe e o Marcos sai do trabalho e vem pra cá, ele não vai pra casa da minha mãe. Lá na casa da minha mãe eu dou um lanchinho, dou a janta, janto, brinco, brinco, brinco, já dou banho nela e venho pra casa já com ela pronta para dormir. Chego em casa umas 8:30 da noite. Aí chego em casa 20:30 ele brinca com ela meia horinha e ponho ela para dormir."* (Julia)

> *"O dia que ela está com a minha mãe acaba ficando mais puxado porque eu tenho que sair daqui, ir pra minha mãe, esperar o meu marido sair do trabalho dele para pegar a mim e minha filha para poder ir pra casa. A gente até fez uma vez uma experiência de eu ir pra nossa casa e ele passar sozinho para pegar a minha filha. Ela deu uma crise de choro e ele ficou desesperado. Ele falou assim: - Daniela, não dá! Não dá! Então assim, eu tenho que abrir mão das coisas de casa pra poder ficar na minha mãe, não fazer absolutamente nada na minha mãe porque as minhas coisas estão na minha casa: roupa, comida, essas coisas estão em casa, para poder esperar o meu marido para poder pegar a gente."* (Daniela)

Mesmo quando as mulheres não conseguem assumir todas as tarefas, verificamos que elas dividem mais com outras mulheres – as avós e babás – do que com os pais o que pode também ser analisado sob o aspecto cultural de associação do cuidado ao feminino.

> *'Eu pego muito a Gabriela... Eu levo a Gabriela todos os dias para a escola e eu pego muitas vezes ela. Eu revezo com a minha mãe, o Fábio pega muito pouco. Só quando eu peço. Tem uma coisa que é assim também: ele dá aula em uma universidade que fica distante, dois dias na semana. Então ele já não pode pegar dois dias na semana e calha dele estar pegando aulas de noite também no outro trabalho. Semestre passado, ele não podia pegá-la nenhum dia da semana. Não podia mesmo, porque ele estava trabalhando todos os dias.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *'A minha ideia era que eu levasse de manhã* [para a creche] *para eu não ter que pedir para minha mãe levar de manhã e buscar no final do dia. Eu levo ela pra creche porque eu acho que, pelo menos eu tenho um contato com ela, levando ela para a creche, participo mais da vida dela'* (Laura)

> *'Quando o Bruno teve algum problema, todas as vezes eu pude falar com minha mãe, minha mãe pegou ele e levou. Graças a Deus tem ela pra me ajudar, porque realmente sem ela, não sei como seria.'* (Aline)

> *''Tem dias que ela está com a minha mãe e tem dias que ela fica com uma senhora que está trabalhando na minha casa.''* (Daniela)

A mulher é convocada e responsabilizada pelo cuidado por parte do meio social, apesar de todas as transformações culturais que configuram novos papéis entre os gêneros. As instituições, creches e escolas, costumam definir responsáveis financeiros, para tratar das questões relativas ao pagamento de mensalidades, e responsáveis pedagógicos, para tratar de assuntos relacionados ao processo de aprendizagem da criança e demais questões. Se ambos são pais e respondem legalmente pelos filhos, problematizamos a necessidade de tal distinção. Esta seria mais uma forma de reprodução da lógica que organiza a família a partir de uma figura provedora e outra que cuida.

> *'Normalmente, ligam* [da creche] *primeiro pra mim. Se não conseguirem falar comigo aí ligam para o meu marido(...) Não,eu não estabeleci isso. Eu acho que é o normal. É a mãe que tem essa responsabilidade. Na verdade, eu não sei de onde decidiram isso* (risos) *mas sempre ligam pra mim. Quando não conseguem falar comigo alguma coisa, ligam para o Carlos.'* (Aline)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

## 3.10.
## Redes de apoio: estratégia de conciliação

Além da atuação do pai, conforme analisamos acima, a presença de outras pessoas e instituições faz parte das estratégias para que a mulher consiga reinvestir em sua vida profissional e em outras atividades que desempenham socialmente. A saída da mulher para o mercado de trabalho não extingue o cuidado das crianças e por isso o apoio social (Rapoport & Piccinini, 2006; Bradt, 2007) se faz necessário. Dentre as participantes da pesquisa os destacamos como recursos de apoio social as creches particulares, babás e as avós.

Os resultados mostram que as avós, importantes na ocasião do nascimento do bebê, protagonizam as falas como um dos principais pontos de apoio da mulher ao término de sua licença maternidade. Verificamos que esta ajuda se torna ainda mais necessária em virtude da jornada de trabalho diária, muitas vezes inflexível, das participantes.

> *'Eu acordo e deixo a Isabela na casa da minha mãe. Minha mãe arruma ela e leva para a creche porque eu chego no trabalho 8:30. Às 18:00h minha mãe busca a Isabela na Creche e quando eu saio do trabalho eu pego ela na casa da minha mãe. Então assim, minha mãe me ajuda todos os dias intensamente. Se eu deixasse a Isabela na creche eu ia me atrasar e pra buscar, eu não chegaria a tempo porque a creche é até as 19:00. Não teria como eu pegar, nem o Marcos, então minha mãe que me ajuda até hoje.'* (Julia)

> *'A minha mãe me ajuda muito. Depois eu coloquei ela na creche e hoje eu levo e minha mãe apanha. A minha mãe acaba apanhando porque se eu for apanhá-la ela acaba saindo muito tarde e fica um período muito grande lá. Ela saí entre 17:30 e 18:00. E aí, já não dá para eu pegar ela porque se eu sair daqui (do trabalho) às 18:00, eu chego em casa umas 19h, por aí. Então, já não dá para pegar ela.'* (Laura)

> *'Ela* [a mãe da entrevistada] *me ajuda muito. Como meus horários são muito ruins: eu saio muito cedo e volto muito tarde. Ela me ajuda muito. Ela fica quase que diariamente com ele* [o filho], *do horário que a empregada deixa com ela ou do horário que ele sai da creche até a hora que eu chego. Eu dependo muito dela.'* (Aline)

Devido ao adiamento da maternidade por parte das mulheres, algumas avós já desfrutam da aposentadoria na ocasião do nascimento dos netos e possuem maior disponibilidade para auxiliar a filhas no cuidado com as crianças.

> *'A minha mãe me ajuda muito. Ela sempre ficou com a Mari até uma no de idade, porque eu não sou muito fã de babá. E aí como era a primeira neta, deu para ficar até um ano de idade. Depois eu coloquei ela na creche.'* (Laura)

> *'No meu caso eu optei por não deixar com minha mãe. Tinha essa opção porque minha mãe é aposentada. Só que eu optei por não deixar com ela porque eu acho que ela não tem que ter essa responsabilidade. Ela me criou, criou meu irmão, então eu acho esta é fase de curtir o neto. Porque a criança demanda muita atenção. Ela é aposentada mas ela tem diversas*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *atividades. Ela teria que se prender a ficar em casa com uma criança de 8/9 meses, sem poder ir ao médico, sem poder ir em nada porque ela tinha que cuidar do meu filho. Eu acho que a responsabilidade é minha e do pai.'* (Aline)

Nos conteúdos analisados verificamos que as mulheres recorrem ao apoio das avós mas estabelecem limites de tempo a essa ajuda. Se, por um lado, deixar as crianças com as avós transmite segurança e confiabilidade no ambiente por outro traz a preocupação com a supressão da liberdade das avós além da sobrecarga proporcionada pelas demandas infantis. Para as entrevistadas, a responsabilidade do cuidado não pode ser transferida integralmente para as suas mães, mesmo quando elas se dispõem a isto.

> *'A Isabela ficava com a minha mãe, eu só coloquei ela na creche com 11 meses, então estava supertranquila porque estava na casa da minha mãe. Era a casa onde eu morava. Minha mãe coitada que penou. E aí, a minha mãe já estava sobrecarregada de ficar com ela. Eu não achava justo, sabe? Eu deixar a Isabela o dia inteiro com minha mãe, ela abrir mão de tudo para ter que ficar com minha filha.'* (Julia)

O limite estabelecido pelas mulheres em relação às responsabilidades da avós representam também uma forma de barrar intervenções quanto à educação das crianças e afirmar as próprias posições e valores quanto á criação de seus filhos, aspecto também abordado no trabalho de Rapoport & Piccini (2011) que evidencia a intromissão das avós como situação estressante vivida pelas mães.

> *'Teve uma época, na segunda ou terceira semana da creche, que falei: "mãe, então leva você ele. Sair dos teus braços talvez seja um pouco melhor. Mas foi péssimo! Ela voltou lá de cima chorando. Falou: - Ai minha filha, não dá! Porque a gente não deixa ele ficar comigo? Eu falei: - não, mãe. Não. Todas as crianças se acostumam então não é possível que meu filho não vai se acostumar.'* (Aline)

> *'A minha mãe ficou mais 20 dias com a Gabriela porque a creche que ela foi começava meados de fevereiro e as minhas férias terminaram em janeiro. A Gabriela ficou com minha mãe quase um mês e minha mãe falava: - meu deus! Por que eu não vou ficar com ela? Eu posso ficar com ela você não precisa colocar ela na creche. Ela chegou a questionar isso.'* (Elaine)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

O segundo tipo de apoio social mais utilizado por nossas entrevistadas foram as creches particulares, dado correlato ao encontrado no estudo de Rapoport & Piccinini (2011). Quatro dentre as cinco participantes optaram por este tipo de suporte enquanto apenas uma optou pela contratação de uma babá. A preferência por este modelo pode se relacionar com a oferta, por parte das creches, de atividades extras que estimulam o desenvolvimento infantil visando a melhor preparação para a vida adulta e produtiva (Mizrahi, 2004). Além disso, as instituições facilitam a manutenção da rotina estruturadas destas mulheres que precisam se organizar logisticamente para cumprirem seus compromissos profissionais sem deixar seus filhos desamparados.

Na decisão entre creche ou babá fica explícito o incômodo com o fato de que outra mulher, externa aos vínculos familiares, se dedicará ao cuidado das crianças no interior do lar, como se a babá pudesse interferir na qualidade da relação das mães com as crianças. Esta problemática foi outrora identificada por Rapoport & Piccinini (2011) na análise das escolhas de cuidadores não parentais.

> *"Eu sempre disse: eu adoro criança, mas eu adoro meu trabalho. Eu tenho certeza, de que quando for mãe, o modelo de creche vai me atender muito bem. O modelo de creche, não o modelo de babá. Creche, no período que eu estou trabalhando, mas o resto, eu quero estar muito com ela. Eu acho que é o momento que a gente tem para se relacionar, que já é tão pouquinho... Então, pra mim sempre foi muito claro que teria essa rotina: creche e mãe."* (Elaine)

As participantes relatam dificuldades quanto à disponibilidade de vagas nas instituições que lhe parecem adequadas para seus filhos. Devido à falta de regulamentação nacional sobre os serviços oferecidos pelas creches (Rapoport & Piccinini, 20011) as mães adotam critérios próprios de seleção da instituição e se baseiam em indicações e experiências de outras pessoas para a tomada de decisão.

> *'A história da creche foi complicada. Porque a creche que eu queria não tinha vaga. Eram duas creches que eu queria: Em uma eu era a décima da fila de espera e em outra eu era a quinta. E aí eu comecei a procurar só que não achava, não achava, não achava. Me falaram, meu afilhado estuda lá, de um colégio que eu estudei a vida toda. Eu coloquei lá no meu colégio. Quando cheguei me encantei! Me encantei, fiquei enlouquecida. E não tinha vaga também. Aí entrei em desespero, né?'* (Julia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

Alguns destes critérios de seleção são: o espaço físico das creches e infraestrutura, atividades oferecidas, além da proximidade com residência para facilitar a organização da rotina das mulheres e das crianças.

> *'A Isabela entrou na creche uma semana antes de fazer 11 meses. Pra ela é muito bom, sabe? É um desenvolvimento assim muito grande. É um colégio gigantesco, que tem um espaço exclusivo de creche. E eu não vou precisar tirar a Isabela dali para fazer nenhuma atividade. Em outubro ela vai começar o ballet. Lá tem natação, ginástica olímpica, judô, tem tudo! Tem todas as atividades! Para idade que ela está hoje, eu acho a melhor creche pra ela.'* (Julia)

> *'A creche da Gabriela tinha que ser uma creche com espaço ao ar livre. E é incrível como isto é difícil! Uma coisa tão simples...Espaço ao ar livre: ter uma árvore! Escolhi uma creche que tinha um ateliê que tinha uma biblioteca. Isso, pra mim, eram critérios de exclusão de outras creches. Se não tivesse, eu já excluía. Agora isso é muito caro! Não era pra ser,né? É tão simples, mas é muito caro. Eu escolhi a creche muito antes dela nascer. Eu ia com a barriga pequenininha para reservar a vaga. Eu lembro que eu fui lá várias vezes. Eu fui a muitas creches. Essa eu fiquei namorando, namorando, porque é muito perto daqui, e consegui colocar ela nessa creche.'* (Elaine)

> *'* [a creche] *era do lado da minha casa, dois quarteirões da minha casa. Me recomendaram essa e uma outra que era mais distante. Quando eu fui ver a outra, tinha muita escada. Aí eu disse: - ah, não dá! Ela não consegue nem andar direito, como ela vai subir essas escadas? Acabei ficando por ali mesmo, que era perto. A minha ideia era que eu levasse de manhã para eu não ter que pedir para minha mãe levar de manhã e buscar no final do dia. Então, num lugar perto daria para fazer isso.'* (Laura)

A adaptação da criança ao cuidador não parental é um processo marcante neste retorno às atividades profissionais. A quebra da continuidade da presença materna é um ponto sensível, fonte de angústias para elas e para seus filhos. Os dados revelam experiências distintas que comportam sentimentos de desespero e segurança em função das respostas das crianças.

> *'A adaptação dele foi ruim, Ele chorou muito no começo. Foi desesperador porque eu pensava: meu Deus, será que meu filho nunca vai se acostumar? Não é possível! Por completo, demorou um mês. Com o tempo ele se acostumou. Mas é muito complicado.'* (Aline)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

Rapoport & Piccinini (2004) apontam para a importância do planejamento da mulher quanto ao retorno ao trabalho de modo a participarem do processo de adaptação infantil.

> *'A senhora* [babá] *começou a ir pra minha casa, para poder pegar a rotina da minha filha, um mês antes de eu voltar a trabalhar'* (Daniela)

Podemos considerar ainda a teoria de Bowlby (1984), que versa sobre o apego, para compreendermos a questão. Quando se estabelece o apego seguro a criança é capaz de explorar o ambiente e recorrer aos cuidadores confirmando sua presença. A criança pode então viver separações sem ameaças de perda. Podemos perceber esta dinâmica no relato das mães sobre as estratégias para o processo de adaptação junto aos cuidadores não parentais.

> *'Quem fez a adaptação dela foi minha mãe porque eu estava trabalhando. Foi tranquila. Foram três dias praticamente de adaptação na sala. A minha mãe ficou com ela na sala. Depois minha mãe já ficava na recepção. Depois de uns 5 dias minha mãe já deixava ela, dava um passeio por ali perto, voltava para ver se estava tudo bem e em duas semanas a Isabela já estava totalmente adaptada e ficava o dia todo. Foi uma adaptação assim bem tranquila, bem rápida. Ela ama gente! Então assim ter muita criança, ela ficou apaixonada! Ela queria é aquilo: ficar perto de criança, brincar, pegar!'* (Julia)

> *'A creche entrou e a Gabriela se adaptou tão bem, se adaptou tão bem que eu ficava até com vergonha (risos) porque as outras crianças choravam! Eu acho que eu desejava tanto aquilo, tava tão segura de que aquilo que eu queria que de alguma forma, não sei se isso influencia, mas foi muito fácil a adaptação dela.'* (Elaine)

## 3.11.
## O trabalho doméstico ainda é "coisa de mulher"?

Apesar das mulheres desempenharem outras funções no meio social, ainda é muito marcante a responsabilidade que elas assumem diante do cuidado com as crianças, conforme observamos acima. Nesta categoria buscamos também investigar a forma como a mulher contemporânea lida o trabalho doméstico. Dentre nossas entrevistadas algumas se ocupam - e são cobradas - quanto à manutenção da ordem e limpeza da casa, segundo o relato Aline.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *'No primeiro momento* [após o nascimento do bebê] *eu não trabalhava mas a casa continua. Continua tendo casa, continua tendo que comer, continua tendo que fazer as coisas de casa. Tinha uma pessoa que me ajudava, era uma diarista. Ela vinha uma vez na semana e acho que até ela ficou sobrecarregada neste primeiro momento, porque acumulava muita coisa pra ela. Um dia a gente* [ela e o marido] *teve uma discussão boba sobre um papel que tava no chão. Eu vi o papel, mas eu passava para fazer tantas coisas que eu realmente não parava para pegar. Comecei a pensar que eu também teria que mudar um pouquinho minha postura. Eu não podia abandonar tanto assim a casa e eu também falei com ele que ele precisava chegar junto. Tem maridos que são menos exigentes com coisas de casa, o meu é um pouquinho chato com algumas coisas.'* (Aline)

Duas das entrevistadas declaram não executar a rotina de limpeza da casa, mas todas afirmam utilizar do serviço de empregadas domésticas, seja para cuidar integralmente dos afazeres domésticos ou para auxiliá-las nestas tarefas. Hoje a mulher de classe média pode se negar a fazer tal tipo de serviço, entretanto, os resultados da pesquisa apontam que o trabalho doméstico é responsabilidade da mulher pois ela o executa ou contrata outra para fazê-lo.

> *'Não faço nada! Tenho uma empregada que vem 3 vezes por semana. Não lavo nem um copo, juro pra você. No fim de semana, eu acumulo tudo para ela fazer na segunda. Ela está comigo há 6 anos. Eu nunca fiz nada. Não é porque eu tenho a Isabela hoje que eu não faço. Eu nunca fiz mesmo. Eu não cozinho, a gente come na rua. Faço só a comidinha da Isabela. A nossa rotina sempre foi assim. Como eu nunca fiz, ele nunca me cobrou. Já casou sabendo. Ele nunca me cobrou absolutamente nada em relação a isso.' (Julia)*

> *'Eu tenho uma empregada que trabalha de segunda a sexta. Sempre tive* [empregada] *pela limpeza da casa porque eu não gosto de fazer nada disso! Detesto lavar louça, arrumar a casa. Consigo* [ficar sem fazer as tarefas domésticas]*! De noite assim, eu esquento a janta, mas ela já deixa tudo preparado. Eu não tenho que fazer nada."* (Laura)

> *'Agora, há pouco tempo, eu tô com uma pessoa que está me ajudando todos os dias em casa e que faz 'A' diferença. Faz muita diferença. É uma sobrecarga muito grande. Diante das várias funções, uma delas fica bem mais leve então isso já facilita bastante.'* (Aline)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

Apesar de um pouco mais de participação masculinas tarefas domésticas, o papel do homem ainda é auxiliar, dado consonante com a pesquisa realizada por Teykal & Rocha-Coutinho (2007)

> *'Ele tem tentado me ajudar nas tarefas de casa pra poder me aliviar um pouquinho. Ele lava uma louça. Eu tenho dois cachorros e ele ajuda levando os cachorros na rua para fazer as necessidades, passando um pano na área onde eles ficam. Coisinhas menores, que ele não fazia antes, ele tá procurando fazer agora.'* (Daniela)

## 3.12.
## A mulher-mãe: a outra face da mulher contemporânea

Concluímos a análise das categorias tratando da percepção da mulher quanto a maternidade. Apesar de todos os conflitos vividos, todas as angústias sentidas e, até mesmo, todo o desgaste físico e emocional que marcam o momento inicial da relação com o bebê, as mulheres sentem na maternidade uma expressão de amor muito intensa, que supera as privações e frutrações. Em Rapoport & Piccinini (2011) encontramos referência a esse amor que se sobrepõe às situações estressantes.

> *'* [ser mãe] *É a maior dádiva que tem no mundo. Ser mãe é assim... Eu achei que eu não ia...* [se emociona]. *A gente acha que não é capaz, mas eu acredito muito em Deus. Eu vejo mesmo o amor de Deus na maternidade. Por mais que você se sinta incapaz, por mais que você tenha sono e queira dormir, você consegue abrir mão das coisas que você gosta, das coisas que te dão prazer na sua vida, para poder dar prazer a sua filha, vê-la bem. Então assim, eu vejo a maternidade um pedaço de mim fora do meu corpo. É bom. É muito bom'* (Daniela)

> *'Só que, quando a gente é mãe, na verdade, toma uma magnitude, é uma proporção que você não imagina, porque é uma mistura de sentimentos. É um serzinho que você ama muito. Você dá tudo por ele. É um amor, é um sentimento estranho, porque é um amor, é uma coisa que você olha pra ele, o riso dele, já muda o seu dia, muda seu estresse, muda tudo. É difícil, é trabalhoso, mas eu faria tudo de novo. Ser mãe, eu acho que realmente você dedicar, você colocar esse teu amor, teu sentimento. Pra mim foi um grande desafio, acho que é um desafio diário, mas é uma das melhores sensações que a mulher pode ter. Porque é você colocar todo o amor que você tem dentro de você, que você já sentiu, que você já imaginou que pudesse ter, você materializar aquilo ali em forma de uma pessoa. Na verdade, é um amor que você dá e que você teoricamente não tem nada em*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

> *troca. Ele é ele. Basta ele ser daquele jeito que retribui aquele amor. É desafiador, mas eu faria tudo de novo, exatamente para sentir tudo isso. Eu costumo dizer: quem é o amor maior da vida da mamãe? Ele responde: - Eu! Porque eu tenho outros amores. A gente ama muito na nossa vida. Mas de fato, o meu amor maior é ele. Eu acho que, sem sombra de dúvida, ser mãe é algo de outro mundo. Maravilhoso.'* (Aline)

A fala de Aline denota uma característica marcante da experiência de ser mulher na contemporaneidade. A mulher possui múltiplas funções, diversos objetos de satisfação e também amores distintos, mas diante de tantas possibilidades, ela escolhe ser mãe e dedicar grande parte de sua energia a esta relação.

Destacamos a satisfação narcísica que a maternidade promove considerando que a mulher tem acesso ao amor objetal amando o outro que também é parte de si (FREUD,1914/1976). Além disso, há também a expressão do narcisismo através do instinto de preservação, evidenciado na continuidade da vida e da espécie, proporcionada com o nascimento de um filho.

> *'E como se você tivesse dando uma continuidade, né? Eu brinco com meu marido quando ele vai varrer o pé dela. Eu falo: - não! Eu quero ter neto! Eu acho muito legal. E é muito engraçado você ver a criança crescer, falando, se comunicando... E as tiradas dela. Eu acho muito legal. É muito diferente. A gente fica babando: Ah ela falou isso! Ela fez isso! É muito bom!'* (Laura)

A experiência da maternidade para nossas entrevistadas é também compreendida como uma atitude de entrega. É conflituoso viver esta entrega em uma sociedade que preza a produção, o lucro e a individualidade, sobretudo, após todas as transformações culturais do papel da mulher. Viver a maternidade é retornar a este estado de dedicação gratuita ao outro, esse cuidado implicado que visa ao bem estar de quem se cuida em detrimento de satisfações individuais.

> *'Nossa... ser mãe pra mim? O que eu vou dizer pra você... é muito difícil. É muito difícil porque eu sempre quero dar mais de mim e trabalhando eu não posso. Eu me culpo o tempo todo. Então, eu acho que mãe é doar-se integralmente, sabe? Você deixa de ser você. Você deixa de viver para você. É muito louco! Eu não sei resumir para você é um amor, é uma dedicação. Você só dar o melhor de você, você não quer mostrar o seu lado ruim, você só quer mostrar tudo de bom que é seu. O seu lado ruim você não quer mostrar para sua filha, sabe? É muito emocionante. Eu acho que ainda hoje eu choro todos os dias, de emoção. Eu agradeço: obrigada, Senhor, pela minha filha, obrigada por ela ser saudável, por ela*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA

*ser feliz, por ela ser do jeito que ela é! Ela é encantadora! As pessoas que conhecem a Isabela falam: - sua filha é maravilhosa! Porque ela brinca, ela conversa, ela é engraçada, sabe? É muito bom. Ser mãe é isso: é doar o tempo todo. É doar e receber, o tempo todo. É isso! É maravilhoso!'* (Julia)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1311604/CA